

## A propósito de uma inscrição memorativa na Quinta de Madrelhe, Cristelos (Lousada).



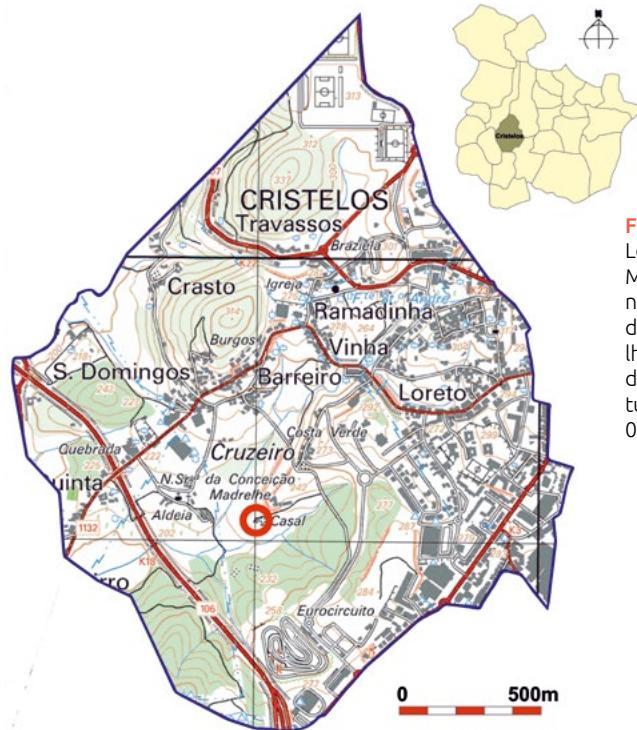
No concelho de Lousada abundam as unidades agrárias, casas e quintas de lavrador que, ao longo de séculos, marcaram a paisagem rural do território. Encostadas a velhos caminhos e, quase sempre, próximas das terras aráveis de que faziam sustento, estas estruturas, sucessivamente renovadas, ampliadas e melhoradas, conservam nas suas paredes uma estratigrafia de memórias frequentemente vinculada por datas ou inscrições que registam, *in tempore*, momentos significativos. É o caso da Quinta de Madrelhe, em Cristelos, onde uma memória epigráfica do último quartel do século XVIII gravada no lintel do portal nos enquadra o momento de apogeu arquitetónico da quinta e abre portas a uma breve incursão pela genealogia dos proprietários de então.

---

### Texto e fotografia

Manuel Nunes  
Arqueólogo  
[manuel.nunes@cm-lousada.pt](mailto:manuel.nunes@cm-lousada.pt)

Paulo Lemos  
Arqueólogo  
[paplemos@gmail.com](mailto:paplemos@gmail.com)



**Figura 1**

Localização da Quinta de Madrelhe no aro administrativo da freguesia de Cristelos e no concelho de Lousada. Excerto da Carta Militar de Portugal, IGE. Escala 1:25 000. Folha n.º 112.



**Figura 2**

Vista geral da Quinta de Madrelhe em 1938 (Arquivo da Casa da Costilha. Fernandes, 2023:116).

A Quinta de Madrelhe situa-se no lugar de Madrelhe, junto à Casa da Costilha, à face do caminho velho, parcialmente empedrado, que ligava o lugar de Arcas, na parte alta da freguesia, ao lugar do Paço, junto à atual EN106, na parte baixa da freguesia. A quinta, atualmente em ruína avançada, constitui uma das 27 unidades agrárias identificadas no aro administrativo da freguesia de Cristelos e corresponde, grosso modo, ao modelo da casa-bloco de andar com pátio fechado, definido por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, para a denominada Zona atlântica (1998:25, 102-111). Localmente conhecidas como “quintas” e/ou “casas de lavrador”, estas estruturas abundam pelo espaço concelhio e foram, já objeto de estudo em anteriores artigos dedicados às freguesias de Lustosa e Santo Estêvão de Barrosas (Nunes e Lemos 2016, Nunes e Lemos 2023). Do conjunto significativo de unidades agrárias arroladas na freguesia de Cristelos, a Quinta de Madrelhe evidencia-se, não apenas pela arquitetura da casa, mas também, e sobretudo, pela presença de uma epígrafe memorativa identificada na padieira em granito que remata o umbral

alto e robusto onde corre o portal de madeira, alto, reto e sob coberto que permitia o acesso dos carros de tração animal ao quinteiro térreo murado. Se é certo que a singularidade da inscrição reside desde logo na forma, onde se destaca a sua dimensão, anormalmente grande, distribuída por dois terços de uma padieira larga e longa com 3 m de comprimento e 0,50 m de altura, é também no conteúdo que encontramos motivos de relevância, já que foi a partir da sua identificação que se logrou uma aproximação à família que tituló a quinta num claro período de apogeu, no último quartel do século XVIII, e que corresponde a um movimento generalizado de melhoria e “enobrecimento” que encontra correspondência noutras unidades agrárias um pouco por todo o território concelhio e que decorre de um movimento de expansão económica associado, por um lado, ao alargamento da área cultivada e, por outro, à aquisição das velhas terras de cultivo pelas famílias de ricos foreiros que dela agora faziam abastança, mas sobretudo ostentação e dignificação social (Nunes e Lemos, 2013:98). A inscrição em apreço, desenvolve-se em duas regras, com



AN<sup>to</sup> BOYGES ANIAN DOV FOZPY  
 NOA~ D.1772



letra capitular e cursiva e numerais árabes. A inscrição apresenta contrações, letras em expoente e abreviaturas. A cruz, centrada na padieira e bem ao centro do portal, bem como a linha que sublinha a segunda regra, assim como a centralidade da data face à regra anterior, introduz um certo nível de organização que poderá denotar uma esquematização prévia à gravação. Ainda assim, a inversão de algumas letras (ex.: N), a utilização indistinta de capitulares e cursivas ou a reprodução das mesmas letras (ex.: e, r,) com estilo diferente, revela pouca experiência do lapicida e uma gravação “livre”. O campo epigráfico apresenta 211 cm de comprimento x 48 cm de altura. A altura máxima das letras é de 19 cm e a mínima de 8 cm.

Na inscrição pode ler-se:

AN<sup>to</sup> BoyGes A MaN DOV Fazey  
 Vio A~ D·1772

A transcrição corresponde a:

Anto(nio) Borges a mandou fazer  
 no A(nno) D(omini) 1772

O que resulta na leitura: *António Borges a mandou fazer no ano do Senhor de 1772.*

António Borges, cujo nome completo era António Borges de Carvalho, nasceu em 1728 na aldeia do Casal, em São Pedro da Boavista, Galegos (Penafiel), filho de Manuel Borges e Domingas Soares. Em 1771, já viúvo de Maria Luísa Nunes, residia na Quinta de Madrelhe vindo a casar, em segundas núpcias, com Eufrásia Maria, filha de António Pinto Nunes e Maria Rosa Meireles, do lugar de Madrelhe, neta paterna de Gonçalo Gomes e de Luisa Nunes, de Madrelhe, e materna do Alferes António de Meireles Freire e de Brites de Meireles, do lugar de Argonça, Ordem, Lousada (Fernandes, 2023:129-130).

**Figuras 3 e 4** Pormenor da epígrafe identificada no lintel do portal da Quinta de Madrelhe e representação gráfica da inscrição identificada.

De acordo com a descrição da matriz nº 108 inscrita nas Matrizes Prediais Rústicas da freguesia de Cristelos (JMCL, 1899-1934) a propriedade da Quinta de Madrelhe, mais tarde propriedade da Casa da Costilha, era composta por “Casa de andar, oficinas de lavoura, campo do pomar, campo da veçada, campo da perna longa campo e horta do moinho, campo do olival, água de preza”, o que perfazia um total de 12.828 m<sup>2</sup>.

Relativamente à inscrição detetada na Quinta de Madrelhe certamente destinada a assinalar um momento de reformulação da área residencial da quinta, encontra eco na dicotomia arquitetónica do aparelho da casa: de um lado, as dependências agrárias com aparelho misto, apenas com os

umbrais em cantaria, do outro, a área residencial, um volume de boas proporções, sobradado, que se estende à face do caminho, edificado com esmero e recurso exclusivo a aparelho de perpianho, com pedra de granito em cantaria. Terá sido esta área a sofrer as obras de melhoramento assinaladas na epígrafe, já que os restantes volumes mantêm as soluções arquitetónicas que divisamos noutras quintas com características similares.

Neste edifício, cujo alçado norte, voltado ao caminho, apresenta paredes cegas ao nível do rés do chão, o andar apresenta janelas amplas com mísulas e varandim, também com mísulas. No remate da parede, uma cornija simples percorre todo o alçado. As janelas apresentam portadas



**Figura 5** Aspeto da arquitetura que cerceava o quinteiro da Quinta de Madrelhe no final da década de 1930 (Arquivo da Casa da Costilha. Fernandes, 2023:129).



**Figura 6** Beiral parcialmente arruinado da Quinta de Madrelhe.

interiores em madeira, com pequenas aberturas vidradas. O acesso exterior ao andar faz-se por uma porta aberta no limite norte deste volume, com uma pequena escadaria, de um só lanço, com remate em patamar com guarda. No interior desta unidade agrária de pátio fechado, o quinteiro mantém-se em terra com a área oeste e sudoeste coberta por um telheiro assente nas estruturas de apoio à lavoura anexas. O resto do espaço aberto apresentava-se coberto por uma ramada de sombra, como se comprova pela presença dos esteios largos e altos de granito e das respetivas bancas metálicas. O alçado interior da área residencial apresenta uma varanda alta, com guardas em blocos de granito, sob coberto, assente em duas colunas hexagonais que formam um vão aberto ao quinteiro. O acesso à varanda fazia-se por escadaria de um só lanço. A cobertura de toda a área residencial, em quatro águas, assenta diretamente em travejamento de madeira, atualmente com telha *francesa*. No lado este do quinteiro subsiste a estrutura da cozinha, independente da restante casa, e atualmente sem cobertura, onde é possível verificar a existência de armários embutidos nas paredes. Fechando o lado sul do quinteiro, encontra-se o beiral com eira. Trata-se de uma estrutura de planta retangular, construída com recurso a pedra de granito, em cantaria nos cunhais e colunelos que suportam o andar e separam as portadas de madeira abertas para a eira, mas em aparelho misto nas restantes paredes. A cobertura é de telha *francesa* em duas águas. O acesso ao an-

dar é feito por uma escadaria exterior, adossada ao alçado oeste. Ao nível do andar, a parede do beiral orientada para o interior do quinteiro apresenta a mesma configuração da parede exterior voltada para a eira, isto é, painéis corridos de ripado vertical, em madeira. Ao nível do rés do chão, a fachada do beiral voltada à eira apresenta três portadas largas de madeira, com reforço em chapa metálica. A eira, particularmente grande e construída com lajes de granito, tem forma retangular e é delimitada por um murete baixo, como era usual em muitas destas estruturas.

## Bibliografia

- Fernandes, L.** (2023). *Toponímia de Cristelos*. Lousada, Junta de Freguesia de Cristelos.
- JMCL - Junta de Matrizas do Concelho de Lousada** (1899-1934). *Livros das Matrizas Prediais Rústicas do Concelho de Lousada*. Freguesia de Cristelos.
- Nunes, M. e Lemos, P.** (2013). *Lustosa, Património e Identidade*. Lousada: JF Lustosa.
- Nunes, M. e Lemos, P.** (2016). Unidades agrárias da freguesia de St.º Estêvão de Barrosas (Lousada). Parte I: Casa do Carmo. *Suplemento de Arqueologia. Revista Municipal de Lousada*. Ano 17. 4ª Série. N.º 148. Lousada: CML, pp. 21-25.
- Nunes, M. e Lemos, P.** (2023). As Unidades Agrárias da freguesia de Lustosa (Lousada) no século XVIII: contributos para o seu estudo. *Suplemento de Arqueologia. Revista Municipal de Lousada*. Ano 24. 4ª Série. N.º 221. Lousada: CML, pp. 27-31.
- Oliveira, E.V. & Galhano, F.** (1998). *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.